

A arte em tempos sombrios

Beatriz Wey
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Brasil

1- *Introdução*

*Realmente, vivemos tempos sombrios!
A inocência é loucura. Uma fronte sem rugas
denota insensibilidade. Aquele que ri
ainda não recebeu a terrível notícia
que está para chegar*
Bertold Brecht

*A pluralidade é a condição da ação humana pelo fato de sermos todos os mesmos, isto é, humanos,
sem que ninguém seja exatamente igual a qualquer pessoa que tenha existido, exista ou venha a existir.*
Hannah Arendt

A arte em tempos sombrios é um tema que não se esgota neste ensaio, nem mesmo em muitos outros que foram e ainda serão escritos. São infinitos exemplos e contextos históricos que nos remetem a tempos sombrios, cheios de sombras ou umbrosos. O que pode ser mais terrível e incerto do que o que viveu Gregor Samsa, personagem fictício do conto de Franz Kafka “A Metamorfose”, que um dia acordou metamorfoseado em um asqueroso inseto?

A insegurança de novos tempos, a insensatez dos governos políticos e a pandemia do Covid-19 refletem o nosso amanhecer absolutamente nebuloso, cheio de medo e inquietação. Para muitos, a história de Gregor Samsa está acontecendo em suas vidas, pois fazem parte de grupos de extrema vulnerabilidade. A crise econômica provocou uma demissão em massa de trabalhadores que agora vivem em precárias condições. Por outro lado, o isolamento faz com que muitos percam a esperança de dias melhores e do natural acolhimento social, próprio da vida humana em sociedade, como apontou Aristóteles em seu livro A Política. Aliado a este cenário pouco alentador, alguns países ainda vivem a insanidade governamental, na sua forma mais violenta de ação. Neste cenário tão adverso a arte sobrevive e resiste em todas as suas formas.

2- *Os tempos Sombrios*

Na tentativa de realizar uma abordagem sobre o tema da arte em tempos sombrios começarei minha exposição trazendo para o nosso debate Brecht, dramaturgo que nasceu no Estado Livre da Baviera, no extremo sul da Alemanha, e só depois da primeira grande guerra mudou-se para Berlim, influenciando vários nomes do teatro moderno. Podemos afirmar que quando o Nazismo se colocou como suposta força renovadora que iria reerguer o país, pretendendo reviver o Sacro Império Romano-Germânico, a realidade vigência mudou de forma avassaladora. A chegada de Hitler ao poder, em 1934, fez com que Brecht se exilasse primeiro na Áustria, depois Suíça, Dinamarca, Finlândia, Suécia, Inglaterra, Rússia e Estados Unidos. Brecht sabia que vivia tempos sombrios, tempos marcados pelo poder da extrema direita, da falta de liberdade e do controle da sociedade pelo Estado. Brecht não apenas se tornou conhecido mundialmente por seus textos e montagens que revolucionaram a teoria e a prática da dramaturgia e da encenação, mas também por ter dado um sentido social a arte, usando-a como arma de consciencialização e politização.

Uma das lições que Brecht nos deixou é que muitas vezes demoramos para entender o significado dos tempos sombrios por estarmos relativamente confortáveis em nossas casas ou em nossos trabalhos. Mas a inocência não tem lugar nestes tempos, o que para Brecht significa assumir uma posição firme e lutar com as forças que temos em mãos, no caso dele, a arte.

Embora algumas décadas nos separe de Brecht, estamos também enfrentando governos de extrema direita muitos, inclusive, nascidos nos processos eleitorais democráticos. Acerca da eleição de Hitler, devemos mencionar que esta concorreu contra Paul Von Hindenburg nas eleições presidenciais alemãs. Hitler terminou em segundo lugar com 13.418.517 votos, menos de 40% dos votos válidos. Mesmo derrotado, Hitler conseguiu se estabelecer como uma figura forte na política alemã e em 1933 se tornou chanceler. Nesta função aprovou a lei que lhe deu o poder de atuar sem o consentimento do parlamento. Seus primeiros passos foram reprimir os partidos de oposição, perseguir os sindicatos e prender os opositores. Em 1934, com a morte do presidente Paul Von

Hindenburg , o gabinete de governo aprovou uma lei dando poderes de presidente ao chanceler da Alemanha. Neste momento Hitler se tornou oficialmente um ditador, contrário a ordem democrática e ao estado de direito. Governos como o de Hitler, aqui tomando como exemplo o de Jair Bolsonaro, não apenas incitam palavras e ações contrárias à democracia e aos direitos humanos, como são incapazes de resolver os grandes problemas de uma sociedade mergulhada em uma crise econômica resultado, no caso brasileiro, dos efeitos da pandemia do Covid-19. Desemprego, fome e miséria crescem juntamente com o descontrole da pandemia, tratada de forma negligente e negacionista. São tempos sombrios ou também, como apresentou Brecht, “tempos de desordem”, tempos que exigem uma posição:

“Misturei-me aos homens em tempos turbulentos
e indignei-me com eles.
Assim passou o tempo
que me foi concedido na terra.
Comi o meu pão em meio às batalhas.
Deitei-me para dormir entre os assassinos.
Do amor me ocupei descuidadamente
e não tive paciência com a Natureza.
Assim passou o tempo
que me foi concedido na terra”.

A tomada de posição não é fácil e muitas vezes tão pouco segura. Exige um compromisso que parece inatingível devido a sensação de que somos fracos ou que nosso tempo passou. A questão está na falta de indignação que não pode ser ignorada ou passar despercebida e é neste momento em que a arte se torna urgente, “que o homem seja bom para o homem”. A arte não apenas desperta como também existe, segundo o poeta Ferreira Gullar, porque a vida não basta. Brecht sabia disso, produziu abundantemente nos tempos sombrios, exilou-se sim, mas jamais se calou.

Em relação a cientista política Hannah Arendt, podemos afirmar que sua trajetória muito se assemelha a Brecht, embora com certas especificidades. Ela viveu a privação de direitos por ter origem judaica, sofreu um breve encarceramento e exilou-se. O regime nazista retirou-lhe a nacionalidade em 1937, o que a tornou apátrida até conseguir a nacionalidade norte-americana em 1951. Trabalhou, entre outras atividades, como jornalista e professora universitária e publicou obras importantes sobre filosofia política. Arendt defendia um conceito de "pluralismo" no âmbito político, capaz de garantir liberdade e

igualdade política para todos. Incluir o outro estava na mesma chave interpretativa do que Brecht colocou com o homem ser bom para com os outros homens. Talvez por pensar na lei e nos acordos políticos, Arendt temia a democracia como forma de governo, preferindo um sistema de conselhos. A crítica à democracia é antiga e foi algo sistemático de reflexão dos filósofos da antiguidade, como Platão. O problema não está no sistema de governo e sim na natureza humana.

Em seu livro “Homens em tempos sombrios”, Arendt nos leva a pensar que este tempo é o marco de uma era e do mesmo modo uma referência para avaliarmos todas as eras que se encontram diante das incertezas. Este livro se refere basicamente a pessoas que foram afetadas pelo tempo histórico. As personalidades são todas diferentes entre si, assim como nós, mas tem em comum o fato de que viveram em tempos terríveis, marcados por catástrofes políticas. Dentre as pessoas que estão retratadas no livro de Arendt encontramos Bertold Brecht.

Hannah falava do século XX, e aqui estamos pensando no século XXI, o nosso tempo sombrio, com mulheres e homens que lutam veemente pela solidariedade, dignidade humana e pelo direito de existir em suas múltiplas diferenças. Falamos de tempos de racismo estrutural, violência racial, homofobia, misoginia, xenofobia, apatia política e negacionismo. Arendt também falava deste tempo e do quanto ele é fruto de governos totalitários. Ao confrontar-se com os horrores deste tipo de dominação, Arendt descobriu que as questões políticas cruciais do presente não mais podiam elucidar-se por meio do recurso a conceitos tradicionais e assumiu um entendimento de que era preciso um amor pelo mundo. Essa foi a perspectiva teórica a partir da qual Arendt deu início à compreensão dos estados políticos de nosso tempo, tratou do totalitarismo e do fenômeno da moderna despolitização. Para Arendt, o século XX testemunhou o obscurecimento da experiência democrática radical, caracterizada pelo envolvimento coletivo dos cidadãos nas questões políticas por meio de seus atos e palavras, tanto em função da burocratização como do crescente emprego da violência por parte do Estado. Mas o mais grave foi o processo histórico de privatização do espaço público, isto é, a transformação estrutural no espaço social das trocas econômicas de uma sociedade constituída por indivíduos reduzidos à função de trabalhadores-consumidores.

Neste contexto, elementos históricos e sociais eclodiram nas democracias liberais, tais como atomização e massificação dos indivíduos, emprego da mentira e da violência para a resolução de conflitos, crescente superfluidade de massas humanas desprovidas de cidadania e de ocupação social digna etc. Se no totalitarismo a liberdade fora totalmente aniquilada, nas democracias liberais representativas, fundadas no sistema de partidos políticos, a liberdade tenderia a se restringir ao mínimo instante do voto, um voto descompromissado com a verdade, com programas de governo populares e alimentados pelo ódio, seja do povo, dos indígenas, das mulheres, dos homossexuais, dos negros e muitas outras “minorias”.

Não obstante as posições de Brecht e Arendt parecerem pessimistas, ambos sabiam que a ação humana caminhava para uma compreensão de seu momento histórico e da criação de espaços públicos necessários e urgentes. Deste modo, a arte vai ser tratada como manifestação vital da condição humana, sem a qual perde-se uma parte importante da natureza humana, provocando movimentos devastadores na mesma, o que Arendt chamou de tempestade de areia no deserto em seu livro *A Promessa da Política*.

3- *A Arte*

Neste momento de incertezas em que parece que estamos em um beco sem saída os artistas saem às ruas, pintam os rostos, fazem movimentos, performances e dançam. São grupos de teatro da baixada fluminense, região periférica do estado do Rio de Janeiro, como o grupo Código; da cidade de São Paulo, a exemplo o Teatro Oficina; e até músicos de grande projeção nacional e internacional, como Chico Buarque, entre tantos outros. Os artistas sabem que as condições são adversas, mas não se calam diante da crise sanitária. No 19 de julho de 2021 o Brasil decidiu ocupar o espaço público pedindo vacinas contra a Covid-19, o mínimo para sobrevivermos em uma pandemia que já matou 557 mil brasileiros. De março a junho de 2021 o Brasil recebeu diariamente a triste informação fornecida pelos veículos de imprensa (visto que o ministério da saúde do Brasil omite os dados sobre a Covid-19) do crescimento sem precedentes de mortes por Covid-19. O maior número ocorreu em 31 de março, quando 3.869 pessoas morreram. Não obstante os dados tenham variado os meses de abril, maio e junho continuaram registrando novas

mortes, chegando a 2.997 em 16 de junho de 2021. Um dado ainda mais alarmante ocorreu meses antes na cidade de Manaus, capital do Amazonas, quando a falta de insumos e oxigênio matou pessoas de forma cruel e desumana. Diante de tanta indignação os artistas ocuparam o espaço público pedindo em seus cartazes por vacina:

“Se os cinemas estão fechados é por falta de vacina”
“Se os eventos estão fechados é por falta de vacina”
“Se os teatros estão fechados é por falta de vacina”

Todavia, devido ao isolamento social não se pode fazer muito nos espaços tradicionais, como os museus, galerias de arte, centros culturais e nem mesmo nos espaços públicos, pois foram reservados apenas para eventos de pequeno porte. A arte, então, se virtualizou. O Teatro do Oprimido criado por Augusto Boal, não deixou de atuar em sua proposta, visando a democratização dos meios de produção teatral, o acesso das camadas sociais menos favorecidas e a transformação da realidade através da arte. Não obstante as dificuldades do momento atual, o Teatro do Oprimido desenvolve um diálogo sobre nações Indígenas, questões trabalhistas, discriminação, exploração e alienação. O Teatro do Oprimido se expandiu e desenvolveu várias modalidades de teatro, como o Teatro Fórum, o Arco-Íris do Desejo e o Teatro Legislativo, sendo praticadas por camponeses, operários, professores, estudantes, artistas, trabalhadores sociais, psicoterapeutas e organizações não-governamentais- ONG em várias partes do mundo. O Teatro do Oprimido está nas ruas, escolas, igrejas, sindicatos, teatros e prisões. Além disso, o Teatro do Oprimido tornou-se um veículo para a organização e debate dos problemas, favorecendo a formação de sujeitos sociais que possam fazer-se veículo multiplicador da defesa por direitos e cidadania. Hoje as ocupações virtuais são sistemáticas, com ampla programação. Dos eventos virtuais podemos mencionar o Festival Virtual de Joguexercícios, Sensibilização ao Teatro do Oprimido, Grupo Virtual de estudo do Teatro do Oprimido e Seminário do Teatro do Oprimido em Casa, entre outros.

Nas ruas o lema foi ocupar o espaço público, se indignar e agir. Uma das frentes de organização chamou os artistas com o seguinte cartaz:

“Artistas na Rua
Fora Bolsonaro”

No contexto europeu, salvo suas particularidades, artistas e ativistas também atuam frente a pandemia do Covid-19 como forma de pressionar governos a terem um olhar diferenciado para os grupos de maior vulnerabilidade. Na falta de informações e de narrativas oficiais que tendem a manipular dados concretos, artistas e ativistas amplificam suas vozes e assumem um papel político em tempo integral. Um projeto que merece destaque refere-se ao Arctivismo, criado em abril de 2020 pelo Centro de Direitos Humanos Aplicado. Um dos pontos apresentados no projeto está o papel dos artistas e ativistas de documentar, monitorar e analisar eventos e ações concretas, criando a oportunidade de refletir sobre as condições de vida e do bem-estar social. O projeto financiou 26 colaboradores em 21 países. Os projetos financiados procuraram destacar particularidades dos países em situação de risco e comprometimento da garantia dos direitos humanos. O teatro foi a arte manifestada na Turquia e em El Salvador para falar das mulheres trabalhadoras; a escultura foi apresentada para mostrar os direitos trabalhistas nas Filipinas; a pintura foi a forma artística de expressar os direitos dos refugiados na Grécia e no Brasil e Peru a arte indígena foi a arte que trouxe para o público a necessidade de se pensar sobre o direito das comunidades indígenas. No caso brasileiro, o presidente Jair Bolsonaro tem desrespeitado a lei atingindo as comunidades indígenas de maneira cruel. Bolsonaro defende que as terras indígenas sejam abertas para atividades econômicas de grande escala, como a mineração e o agronegócio. Além disso, Bolsonaro pretende enviar ao Congresso uma proposta para autorizar a agropecuária em grande escala em terras indígenas e quer integrar a cultura indígena à cultura nacional, desconsiderando o multiculturalismo das 305 etnias indígenas.

Ainda sobre o Arctivismo, muitos outros temas fizeram parte de projeto, todos visando tratar de forma específica e global dos direitos humanos. Em suma, a questão está em garantir um debate ampliado em torno da perda dos direitos humanos e dos espaços públicos.

Segundo Arendt, ocupar as ruas é um ato subversivo e de suma importância para a preservação do espaço público. Isto porque tal prática é a melhor forma de assegurar as condições para o exercício da liberdade e da manutenção da cidadania. Em seu livro mais famoso, *A Condição Humana*, Arendt questiona o que também era colocado por Brecht, ou seja, por qual razão os regimes extremistas crescem e se fortalecem não obstante as

circunstâncias adversas? É claro que muitas explicações podem ser apresentadas para que o entendimento se faça mais esclarecedor, de qualquer forma, a falta de indignação poderia ser um dos fatores. Em outras palavras, a indignação deve começar pelo fato de que não podemos aceitar que o poder político esteja diretamente ligado a violência. Poder e violência são opostos; onde um domina absolutamente, o outro está ausente, como bem colocou Arendt em seu último livro publicado em 1963 no Brasil sob o título de "Sobre a Violência". Se a violência destrói o poder, que tem por base a cooperação e o consenso, o que temos em tempos sombrios é a violência desnudada, que se alimenta da prática política excludente, extremista e militarizada, sempre utilizando seu aparelho repressor e negando o processo de interação social.

Um documentário de grande importância para pensarmos a questão da violência foi intitulado de "The Act of Killing". Este trabalho foi dirigido por Joshua Oppenheimer e co-dirigido por Christine Cyn e um indonésio desconhecido. É uma coprodução dinamarquesa-anglo-norueguesa que foi aclamada pelo fato de apresentar as estratégias artísticas forenses e sua eficácia na transmissão de memórias reais acerca da violência, sobretudo ao combinar estratégias de provas com envolvimento sensorial e reflexão ética. O ato de matar é sempre nocivo, seja por meio do extermínio de um povo por sua condição histórica, política ou religiosa, entre outras, ou pela forma consciente de eliminar um povo pela falta de compromisso com a saúde pública, decorrente da falta de vacinas, como é o caso do Estado brasileiro e de tantos outros. O ato de matar não pode ser celebrado como um ato de heroísmo. O filme de Oppenheimer mostra exatamente o orgulho dos criminosos diante de seus atos violentos, explorando cenas de tortura. Este relato nos mostra que muitos dos responsáveis pelos tempos sombrios se orgulham de seus feitos e acreditam que fizeram as melhores escolhas, o que demonstra que a poder político é de fato confundido com a prática da violência e do despotismo. A questão é que o poder despótico relatado no filme tem como princípio, segundo Montesquieu em sua obra O Espírito das Leis, o medo e, portanto, não pode ser considerado um poder político de fato.

A única maneira de resistir é ter consciência de que o poder se reveste de violência e que é necessário enfrentá-lo. É neste sentido que Arendt trata da vida ativa como obra de arte, isto é, uma atividade que transcende o que é naturalmente dado. Ela consiste na

capacidade do homem de modificar o ambiente em que vive. Em outras palavras, o artista é o artífice de um mundo que lhe é próprio, mesmo que de forma marginal ou periférica.

À exemplo, em 2011, a Guerra Civil se revelou como um conflito interno em andamento na Síria, que começou como uma série de grandes protestos populares em 26 de janeiro de 2011 e progrediu para uma violenta revolta armada em 15 de março de 2011, influenciada por outros protestos simultâneos no mundo árabe. Artistas como Fadi Yazigi, Akram al Halabi, Mohammed Omran e Khaled Takreti, entre outros, cancelaram suas agendas para protestar contra a repressão, fizeram da arte sua maior arma em meio ao caos e desrespeito aos direitos humanos. A responsabilidade de artistas foi ganhando um peso e força cada vez maior em decorrência do acirramento da violência imposta por um governo despótico. Assim como Brecht, muitos tiveram que abandonar seus países para poder ver sua arte florescer no exílio. As condições de sobrevivência eram desafiadoras, em parte porque o artista oprimido se via em perigo ao reivindicar sua liberdade e melhores condições de vida e, também, por estarem sujeitos a imposições de como e quando a arte seria permitida.

O contexto da guerra como conflito que visa aniquilar e matar o suposto inimigo exige mais do que diplomacia para que seja compreendido, o que justifica ações como a criação do 4 Cs, um projeto de cooperação Europeia financiado pelo Programa Europa Criativa da União Europeia. Neste programa a arte é pensada como um recurso para tratar diretamente das questões que envolvem o conflito e estabelecer um diálogo intercultural. As questões envolvendo a crise migratória e a obrigação do continente europeu para com os refugiados tratou de amplificar este modelo e estendê-lo até 2021, dando ênfase não apenas ao diálogo proposto inicialmente, mas também propiciando o reconhecimento da necessária participação igualitária. Para muitos o sucesso do 4Cs veio junto com o seu fracasso, pois o conflito de interesses não cessou e comprometeu, em parte, o processo de sociabilidade.

Porém não estamos tratando de atuações isoladas, pois o aumento da migração não é um fator que se restringe a uma nação. Segundo o relatório de Tendências Globais da ACNUR, cerca de 79,5 milhões de pessoas foram deslocadas à força apenas no ano de 2019. Milhares de pessoas deixaram seus países, pessoas oriundas da Síria, Venezuela,

Afeganistão, Sudão do Sul e Mianmar, entre outros países. Além dos diversos projetos sociais, artistas se mobilizam para resgatar a confiança e autoestima dos refugiados por meio da narração de histórias e resgate da memória de um povo massacrado pelo conflito e por governos déspotas. Para estimular os artistas, o ACNUR divulgou o Concurso de Arte da Juventude com Refugiados do ACNUR em 2020, que recebeu trabalhos de grande importância artística e social.

A referência a uma instituição como a ACNUR nos faz pensar que artistas independentes não conseguem se colocar em tempos sombrios, mas isso não é verdade. Um exemplo disso é a atuação dos artistas na Grécia que passaram por um longo período de recessão e seguem buscando compreender o mundo em que vivem, resgatando o passado e promovendo formas de valorizar sua cultura. A pandemia poderia ter minado suas forças, mas ao contrário fez surgir um movimento intitulado de Support Art Workers-SAW, que se encontra em atividade desde abril de 2020. Os artistas entenderam com este movimento que a grande questão é resistir de forma coletiva, visando a manutenção e luta pelos seus direitos e pelos direitos de todos os demais. Não estamos falando de uma situação plenamente satisfatória, pois os poderes conservadores e grupos de repressão baseados no aparelho repressor do Estado sempre procuram tirar o fôlego do SAW e minimizar seus efeitos para a sociedade grega como um todo.

Os tempos sombrios vão além, estão também no racismo estrutural que matou George Floyd, Trayvon Martin, Michael Brown, Marielle Franco e milhares de garotos negros nas comunidades do Rio de Janeiro, garotos com João Pedro Matos Pinto, Kauan Rosário e Ágatha Félix, que morreram durante uma operação da polícia civil. O garoto João foi morto dentro de sua casa, sem reagir. Jenifer Cilene Gomes e Kauê Ribeiro dos Santos também morreram crianças, também não tiveram tempo de gritar e lutar. Tempos duros e incertos que são vividos intensamente por artistas do mundo inteiro, que usam sua arte para expressar a sensível combinação inevitável de violência simbólica e real manifestada nas ruas diariamente. Estes artistas entendem que é preciso ocupar as ruas e os museus, os centros de arte e as galerias. Acabar com o racismo estrutural exige compromisso com a história real e um enfrentamento direto com o triste legado do colonialismo, da escravidão e do patriarcalismo. Um esforço muito interessante partiu da Tania Bruguera, artista de instalação e de performance cubana, ao convidar 21 pessoas que viviam perto da galeria

Tate Modern, uma das galerias que compõe o Museu Nacional de Arte Moderna do Reino Unido, para debater como a instituição poderia se tornar mais relevante para a comunidade do entorno. Não obstante seja uma ação que visou compreender as impossibilidades de transformação imediata, o trabalho esteve sintonizado com as principais mudanças no pensamento museológico desde a década de 1970. A arte engajada estava e ainda está como um palco de ressonância das alterações que estão em curso, provocando novas perspectivas nas narrativas e no processo de ocupação dos espaços convencionais, com os museus. De todo modo, o sucesso da ação é menos importante do que a mobilização e sensibilização que ocorreu de forma singular entre os envolvidos.

Muitos outros exemplos poderiam estar presentes neste pequeno ensaio dado o fato que a arte sempre provocou efeitos de grande impacto no inusitado e emergencial. Por este motivo parece que tratar da arte em tempos sombrios exige apenas um olhar sobre a arte que, de alguma maneira irá provocar, no mínimo, uma inquietação. A institucionalização da arte ou seu engajamento independente não podem significar menos ou mais compromisso, pois em toda parte nos deparamos com compartilhamento de conhecimentos e recursos com fins últimos já bem apresentados anteriormente. Em todos os lugares o poder da arte reside na sua extraordinária capacidade de mudar narrativas e representações. É por isso que os artistas estão sempre abertos a criação de novos consensos em situações limites, em que impera a desigualdade, violência e incerteza.

Conclusão

De tudo que foi apresentado, terminarei este ensaio com um pequeno poema de Brecht:

“Primeiro levaram os negros, mas não me importei com isso. Eu não era negro. Em seguida levaram alguns operários, mas não me importei com isso. Eu também não era operário. Depois prenderam os miseráveis, mas não me importei com isso, porque eu não sou miserável. Agora estão me levando. Mas já é tarde. Como eu não me importei com ninguém, ninguém se importa comigo”.

Ao artista não cabe o termo “não me importei”, pois este está sempre presente no mundo real, vivendo de forma intensa sua obra e seu comprometimento social e político. A arte está presente no mundo que vive de tempos em tempos as incertezas dos tempos

sombrios, nosso tempo. É por isso que Brecht e Arendt, apesar de seus campos de atuação distintos, estavam certos ao afirmar que é preciso resistir para existir como dignidade, liberdade e igualdade. Não nos é permitido a ingenuidade, dizia Brecht, tão pouco a ausência de amor pelo mundo, como bem colocou Arendt.

Em suma, ainda estamos distantes do fim da pandemia do Covid-19, dos governos despóticos, das crises econômicas, das guerras, dos genocídios e do desrespeito aos direitos humanos, mas com a certeza de que seremos salvos pela arte. Se não vencermos de uma forma venceremos de outra, isso porque lutaremos incessantemente, seja no espaço público, nos museus ou na internet. Fracassar é aceitar a condição desumana imposta por grupos dominantes, que legitimam por conta própria um sistema desigual, injusto e perverso, que atinge nosso mundo como uma tempestade de areia, visando o fim da utopia. O suposto sucesso deste grupo está no poder avassalador da força, do ódio e da alienação. Um sucesso frágil e fraco, facilmente derrotado por artistas e ativistas de todo mundo.

© Beatriz Wey

Bibliografia

<https://www.revistaprosaveroearte.com/aos-que-vierem-depois-de-nos>
https://www.pensador.com/poema_bertolt_brecht
<https://institutedehistoriadaarte.wordpress.com/2021/04/12/conferencia-internacional-sobre-arte-e-direitos-humanos-inscricoes-abertas/>
<https://www.ctorio.org.br/home/>
<https://redeculturalsintra.pt/event/arte-e-direitos-humanos-conferencia-na-gulbenkian/>
<https://share.america.gov/pt-br/art-exile-syrian-refugees-find-voices-art/>
<https://www.tate.org.uk/whats-on/tate-modern/exhibition/hyundai-commission-tania-bruguera>
<https://www.acnur.org/portugues/concurso/>

Arendt, Hannah. *A Condição Humana*, Rio de Janeiro, 1983
---. *A Promessa da Política*, Rio de Janeiro, 2010
---. *Sobre a violência*, São Paulo, 2009
---. *Homens em tempos sombrios*, São Paulo, 2008

Aristóteles. *A Política*, 2019

Brecht, Bertolt. *Poemas 1913-1956*, Porto Alegre, 1986

Kafka, Franz. *A Metamorfose*, São Paulo, 2010